

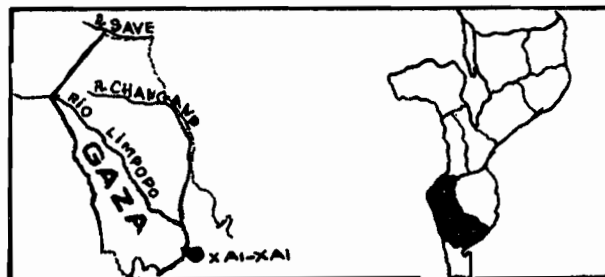
## Aldeia Comunal Julius Nyerere



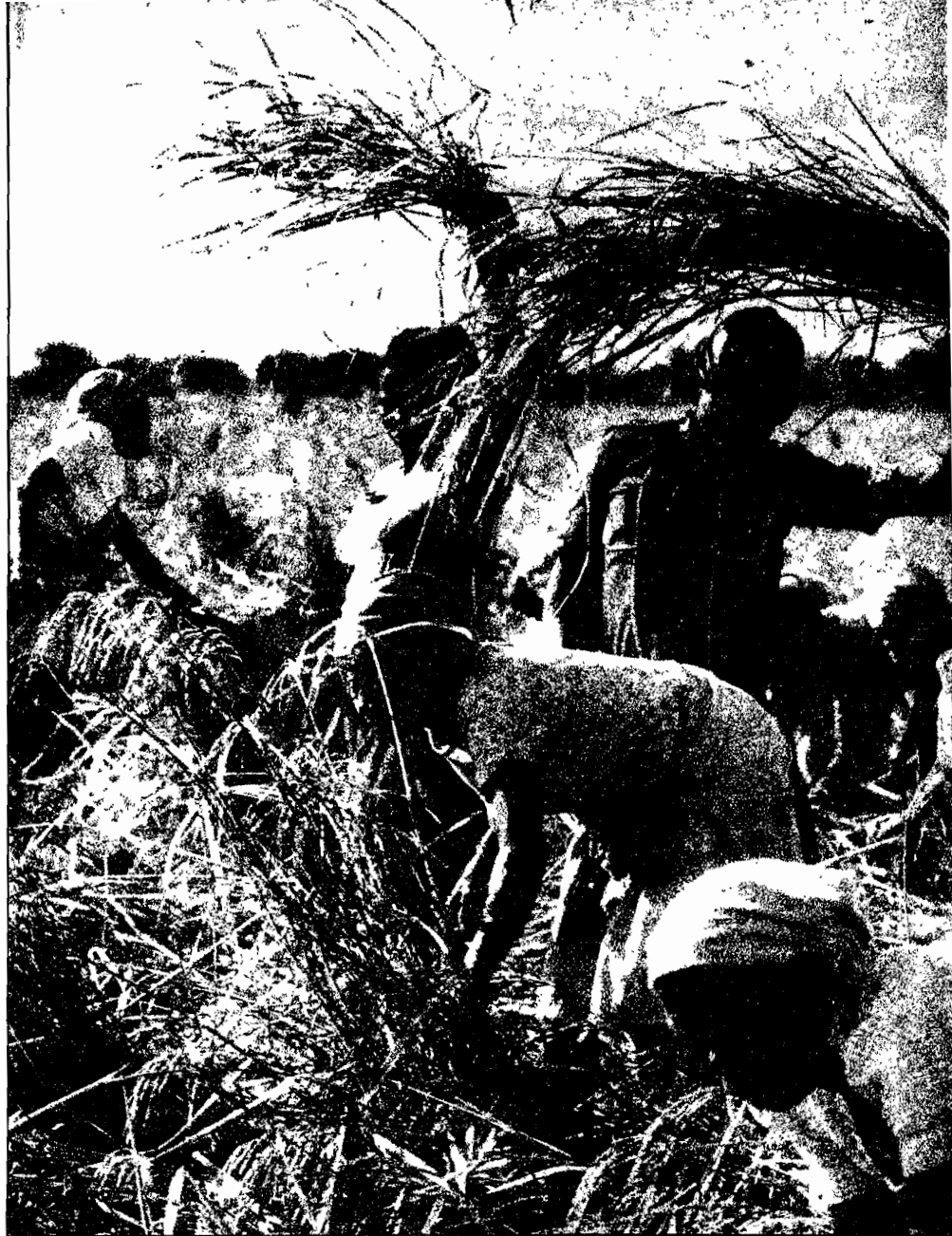
# Um inimigo da fome

A Aldeia Comunal «Julius Nyerere», na província de Gaza, pode orgulhar-se de possuir uma cooperativa agrícola que conseguiu vencer a fome. Ali está mais que demonstrado que a solução para as aldeias comunais é o cooperativismo agrícola. Na recente visita que efectuámos à «Julius Nyerere», este aspecto saltou-nos tanto à vista que deixámos os outros para dedicar-lhe especial atenção.

Chegámos à «Julius Nyerere» numa manhã de ceifa de arroz.



Texto de Filipe Ribeiro • Fotos de Nuno Vilhena



A celfa: eis o culminar de muito e muito trabalho

«Eu quero aqui os vossos responsáveis. Alguém que, mais tarde, possa responder pelo nosso material. Temos de saber o vosso número, para tirar apenas a quantidade de foices que vos correspondam. No fim do trabalho, têm que apresentar o mesmo número de foices no armazém.»

Numa voz pausada, o homem acrescenta que «não se devem juntar aos nossos cooperativistas, porque precisamos de avaliar a quantidade do vosso apoio, para que não haja problemas no fim. Se ainda não tiverem chegado todos, é aconselhável esperarem pelos outros. Se todos começam ao mes-

mo tempo, é sempre melhor, tanto para nós como para vós próprios.»

São palavras de Albino Muca-vele, Presidente da Cooperativa Agrícola da Aldeia Comunal «Julius Nyerere», na altura em que procedia à distribuição de trabalho a um grupo de camponeses que, à míngua do que comer, foram oferecer os seus serviços àquela organização colectiva.

Uma oferta pouco lisonjeira para aqueles camponeses, pois em tempos foram membros da cooperativa agrícola, mas abandonaram-na a pretexto de que produziriam melhor nas suas pequenas machambas. Não tendo as coisas cor-

rido como esperavam, surgem agora, na altura da colheita, a oferecer os seus serviços de «apoio», na expectativa de conseguir alguma coisa com que matar a fome.

Para nós aquele foi um momento de grande mobilização, porque vimos o Presidente da Cooperativa Agrícola tratar com aqueles camponeses de uma forma cheia de compreensão, como se eles jamais tivessem abandonado o trabalho colectivo sob alegação de que eram «trabalhos forçados», que dariam pouco rendimento e para distribuir por muita gente.

Coisa mais digna de registo é que ele chamou «apoio» ao traba-



Os aldeões que vieram apolar a celfa ...



... Vieram com as suas famílias

Iho que eles ofereciam em troca de arroz, milho ou outra coisa com que pudessem matar a fome. Queriam vender a sua força para ganhar em poucas jornadas de trabalho o que as suas pequenas machambas familiares não produziram ao longo de toda uma época.

Esta situação faz parte da história da cooperativa agrícola da Aldeia Comunal «Julius Nyerere». Aliás, é um produto da trajectória da organização desta cooperativa de aldeões. Seja como for, os resultados desta campanha vão contribuir para o crescimento da consciência sobre o trabalho cooperativo.

#### COOPERATIVA QUE CRESCE A OLHOS VISTOS

A cooperativa agrícola da Aldeia Comunal «Julius Nyerere» começou a sua actividade com apenas cento e noventa membros. Mais tarde, todos os residentes da aldeia comunal incorporaram-se na cooperativa. O facto em si poderia

significar muitas vantagens, não fossem as dificuldades de organizar tanta gente e a forma como muitas das pessoas estavam a encarar o trabalho.

«Na altura éramos mais de mil cooperativistas agrícolas, mas a nossa machamba continuava pequena. Todo o trabalho realizado só apontava para prejuízos. As pessoas amontoavam-se no mesmo sítio e faziam muito pouco ou mesmo nada.» É assim que Albino Mucavele nos explica os primeiros tempos de vida da cooperativa agrícola.

Quando os cooperativistas analisaram a situação, chegaram à conclusão de que se impunha pro-

ceder constantemente à divisão do trabalho, isto é, aplicar o sistema de jornas. Fosse a pouca mobilização existente no seio deles ou não, o certo é que muitos encararam o facto como se fosse a introdução do trabalho forçado.

Por não aceitar a divisão do trabalho, muitos aldeões decidiram abandonar a cooperativa e dedicar-se às suas machambas familiares. Na cooperativa ficaram apenas os que se voluntariaram e que tiveram de prestar uma espécie de juramento. Ficaram quatrocentos aldeões.

«Esses quatrocentos foram os que compreenderam que o trabalho é bem duro, mas tomaram em

---

## MECANAGRO:

### Como sempre atrapalha...

---

conta que os resultados são, realmente, compensadores.» É o Presidente da cooperativa que nos explica esta situação. Mais adiante, ele acrescentaria que o trabalho que tem sido feito por aqueles quatrocentos cooperativistas é muitas vezes superior ao que era feito por quase dois milhares.

Vencidas estas primeiras dificuldades, a cooperativa começou a funcionar de uma forma mais organizada. Ela possui um livro de plano, onde está registado o número de membros e no qual é possível controlar as presenças diárias.

O controlo das presenças destina-se, essencialmente, a facilitar a distribuição do trabalho de cada dia. Com efeito, é neste livro que se regista o tamanho da terra que precisa de ser trabalhada e a quantidade de pessoas que para lá devem ser enviadas. No fim da jornada, é apresentado o relatório sobre o trabalho que fica apontado no referido livro.

Hoje, porque a cooperativa está a conhecer estes sucessos no cultivo da terra, há muitos camponeses que se querem inscrever de novo. Claro que as suas inscrições só poderão ser aceites para a pró-



**Albino Mucavele, Presidente da Cooperativa Agrícola «Julius Nyerere»**



**Instalações em que se encontra a moto-bomba mais potente da cooperativa agrícola**

xima campanha agrícola, depois de assumirem o compromisso de que vão aceitar as normas da cooperativa.

## **NÚMEROS QUE FALAM**

A cooperativa agrícola da Aldeia Comunal «Julius Nyerere» tem uma área de cento e cinquenta hectares de arroz, que estão neste momento a serem ceifados. Trata-se de um vasto arrozal que se vai perdendo pelo horizonte, mas um campo que está efectivamente pleno de uma boa colheita de que os aldeões muito se orgulham.

Uma das afirmações que ouvimos repetidas vezes da boca dos cooperativistas é que a sua produção é bem mais farta que a da empresa estatal. Agora, a preocupação é ceifar o mais cedo possível, antes que a chuva venha a provocar prejuízos.

A parte do arrozal que estava a ser ceifada pelos próprios cooperativistas, com a ajuda de outros aldeões que ofereceram os seus serviços, é aquela em que as máquinas não podem entrar, porque os pés de arroz cresceram até vergar. No entanto, a terra não chegou a ser adubada para que crescessem desta forma. Trata-se da fertilidade do solo.

Aqui, tal como em outras partes.



**Aspecto de uma das ruas da Aldeia Comunal «Julius Nyerere»**



os aldeões só lamentam que a MECANAGRO esteja a cobrar taxas muito elevadas pelo trabalho que realiza. Além disso, a própria fábrica de descasque de arroz pratica preços que pouco beneficiam os aldeões. Estes dois aspectos deveriam merecer toda a atenção das estruturas da agricultura, de modo a que os preços possam ser convidativos e estimulantes.

Enquanto visitávamos a cooperativa agrícola da «Julius Nyerere», chegou um carregamento de semente de trigo, que deveria ser lançada numa área de vinte hectares de terra preparada para o efeito. Estavam esses vinte hectares com terra limpa, mas os aldeões garantiram-nos que o seu plano é aumentar, para que a produção possa ser mais significativa.

Além disso, a cooperativa tem uma machamba de algodão de pouco mais de dez hectares, que fica para além da outra margem do rio. A produção de hortícolas é outro aspecto a que os cooperativistas dão muita importância. Toda a área dedicada a estas culturas apresenta um panorama de prosperidade e tudo leva a crer que a produção vai ser excelente.

«Agora, todos os espaços livres vão ser aproveitados para o plantio de bananeiras, principalmente para marginar algumas outras culturas. Estamos à espera de um bom fornecimento de pés de bananeira para espalhar aqui nestas

margens, porque são boas para isso.» Acreditamos que este projecto que Albino Mucavele nos revela não tardará a ser posto em prática.

### TRABALHAR EM BASE SEGURA

Uma das características mais salientes em todo o trabalho daquela cooperativa agrícola é ter condições que permitem avançar o trabalho, mesmo que o apoio de fora se faça tardar e mesmo quando os mecanismos de um eventual apoio se fazem difíceis. As soluções têm-nas os próprios cooperativistas.

Para arar a terra e para efectuar trabalhos de transporte de material, a cooperativa agrícola possui um tractor. Só que este tractor não consegue dar total cobertura às necessidades da cooperativa e daí ter de se recorrer ao auxílio da MECANAGRO. Dizem os aldeões que não excluem a possibilidade de adquirir mais alguns tractores.

A cooperativa agrícola tem também algumas cabeças de gado, as quais poderiam puxar as charruas existentes, mas acontece que para o cultivo de arroz não é rentável, na medida em que os bois enteram as patas no solo, e a charrua torna-se difícil de arrastar podendo acabar por ficar inutilizada.

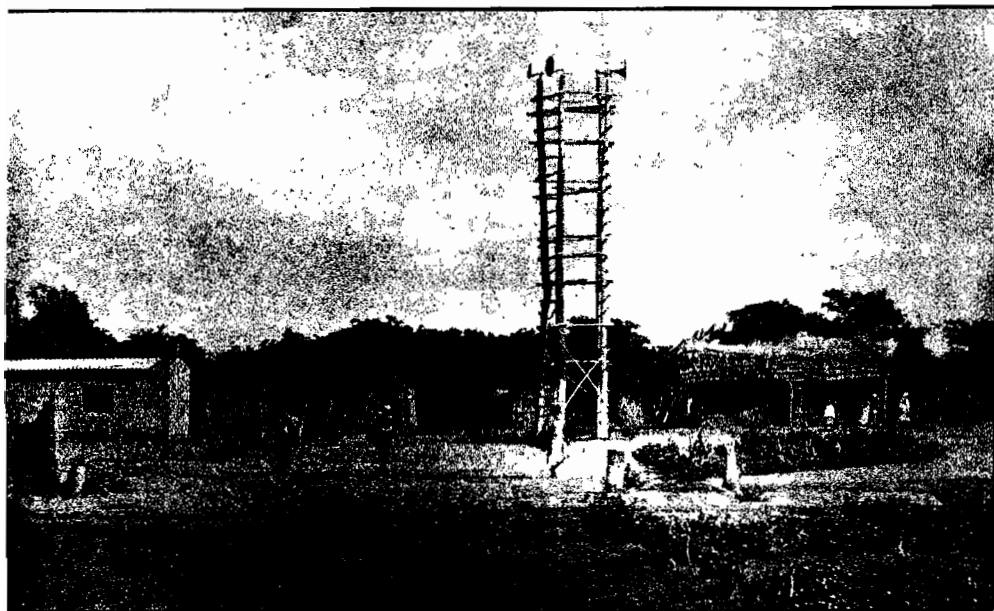
Assim, os bois são usados para cultivar terras menos lamacentas



Com a folce à cabeça, esta é a imagem de uma camponesa que regressa do trabalho

como o caso das machambas de mandioca e de milho ou mesmo as de algodão. Além disso são aproveitados para transporte de pequenas mercadorias, quando se trate de percorrer distâncias reduzidas.

Duas moto-bombas, uma das quais de grande potência, garan-



O centro comunal

## Camponeses dispersos:

## Pedir emprego à Aldeia Comunal



O atendimento de alguns doentes no Posto de Saúde

tem o abastecimento de água para o regadio do arrozal e de outras machambas. As valas encontram-se constantemente limpas e, nesta altura, estão a escoar as águas de novo para o rio. Quem faz o trabalho da limpeza das valas são os próprios cooperativistas, que bem dispensaram as máquinas para não terem de pagar elevadas somas.

Os cooperativistas acham que já reúnem condições para iniciar a criação de porcos. Para o efeito, contam com o aproveitamento da casca de arroz, uma parte da mandioca, parte da banana que vão produzir e as papaias que também produzirão a curto prazo. Além disso, contam aproveitar os milhares de peixinhos que aparecem nas águas das valas arrastados pela moto-bomba, para com eles preparar a ração para os suínos.

Quando estávamos neste ponto da conversa e da visita à cooperativa, perguntámos ao Presidente da cooperativa se não estariam a tentar transformar-se numa espécie de complexo agro-pecuário. A sua pronta resposta foi de que «estamos a fazer tudo o que está dentro das nossas possibilidades e, como não se estabelecem limites para o crescimento de uma cooperativa, tentaremos ir mais além».

Mais adiante, acrescentaria que as áreas de cultivo de qualquer cultura iriam aumentar na próxima campanha, porque estão reunidas as condições para avançar. O nível de organização que ali se vive, com

efeito, não dá lugar a que se possa duvidar das afirmações dos cooperativistas.

### UMA ALDEIA MOVIMENTADA

Casas bem construídas, em talhões suficientemente amplos circundadas ora por flores, ora por ananaseiras, ruas com nomes e marginadas por flores ou árvores, eis a paisagem que a Aldeia Comunal «Julius Nyerere» oferece a qualquer visitante.

Francisco Muchanga, Presidente do Conselho Executivo, quando falava à nossa Reportagem



Por estas ruas, que demonstram o bom traçado da aldeia, vê-se movimento de pessoas. Umas vão ao centro comunal, tratar de um assunto qualquer; outras dirigem-se ao posto de saúde. Cruzam-se com as que vão para a pequena dependência do Banco Popular de Desenvolvimento ou para a cooperativa de consumo. Há ainda aquelas que vão cruzando as ruas transportando estacas para a construção de casas ou para efectuar melhoramentos às já construídas.

Tudo isto dá um movimento à Aldeia Comunal e empresta a sensação de que estamos num pequeno centro urbano em franca prosperidade. No centro comunal, situa-se a sede do Partido Frelimo e uma árvore bem frondosa constitui o local de reuniões.

Frontal à sede do Partido, estão as instalações do Conselho Executivo, que ainda se encontram em fase de acabamentos. O posto de saúde, servido por uma enfermeira graduada, está também no centro comunal e dispõe de instalações bem suficientes para os problemas locais.

Sob a direcção do Conselho Executivo, funciona na Aldeia Comunal um tribunal popular, que resolve todos os problemas da sua competência que surgem na aldeia. Aliás, quando estivemos na cooperativa agrícola foi-nos indicado um indivíduo que estava a trabalhar no mandiococal como castigo pelo roubo, que aí cometera.

Jimo Francisco Muchanga, Presidente do Conselho Executivo da Aldeia Comunal, é um dos membros da cooperativa agrícola e foi lá que o encontramos para colher informações sobre a aldeia. Segundo as suas declarações, o Conselho Executivo, a quem cabe a tarefa de resolver todos os problemas da aldeia comunal «não tem tido problemas na sua actividade. Os pequenos problemas que surgem têm sido de fácil solução».

Segundo diria mais tarde, o único expediente de que se têm ocupado com mais frequência trata mais da admissão de novos membros, pois as soluções são cada vez mais crescentes. O resto que diga respeito à administração da Aldeia Comunal, tudo corre dentro do normal. □